

VIOLÊNCIA RACIAL, VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Manoela dos Santos Barbosa¹

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Garcia

Resumo: Esta pesquisa investiga as peculiaridades do projeto estético-literário da escritora Conceição Evaristo, que questiona as diferentes formas de violências a que estão submetidas às mulheres negras. Como recorte, exploraremos as representações étnico-raciais e de gênero na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011). Nosso objetivo é analisar as marcas das diferentes formas de violência a que mulheres negras são submetidas no contexto social brasileiro a partir das intersecções de gênero, classe e etnia. Metodologicamente, usaremos as perspectivas feministas de bell hooks, Jurema Werneck e Angela Davis, dos documentos legislativos no que diz respeito ao enfrentamento à violência contra a mulher, e ainda, conceitos de violência doméstica de Constância Lima Duarte, Heleieth Saffioti, Lia Zanotta Machado e Eva Blay, que ressaltam o quanto este tipo de violência deve ser combatido por meio de políticas públicas.

Palavras-chave: violência doméstica. Gênero. Políticas públicas. Conceição Evaristo

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, com título provisório: “Violência de gênero, violência racial na obra de Conceição Evaristo”, parte primeiramente das minhas inquietações enquanto ser social ao observar, por exemplo, as questões relativas à violência contra a mulher, mas, sobretudo, da minha percepção e vivência enquanto mulher e negra consciente das especificidades que marcam a minha trajetória e das minhas iguais a partir de uma sociedade marcadamente discriminatória, sexista e misógina.

Levada inicialmente pelas motivações pessoais busquei enveredar minhas escolhas profissionais/acadêmicas por caminhos que me conduzissem a refletir sobre tais questões, a saber, a violência contra a mulher e mais precisamente as mulheres negras.

Somam-se a estas indagações o contato com projeto literário, da escritora Conceição Evaristo presente nos *Cadernos Negros*², sendo surpreendida pela sua maneira de escrever as mulheres (negras), rompendo com estereótipos, homogeneidades, invisibilidades, sensualidade acentuada comumente destinadas as mulheres afro-brasileiras, no que tange a boa parte da produção literária brasileira e posteriormente, o interesse em aprofundar/mergulhar nos estudos provenientes, pela ficção-verdade impressa em sua prosa contemporânea e ainda, pela forma de escrever da autora em questão descrita pela mesma como uma escrevivência - escrever a existência. Segundo Evaristo: “Foi daí, talvez, que eu descobri a função, urgência, a dor, a necessidade e a esperança da escrita. É

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Bolsista CAPES. E-mail: manoellasbarbosa@hotmail.com.

² Publicação coletiva do Grupo Quilombhoje que vem a público desde 1978, cada ano é dedicado à poesia ou à prosa.

preciso comprometer a vida com a existência ou é o inverso? Comprometer a escrita com a vida?” (EVARISTO, p. 2007).

Dessa maneira, a escritora, insere-se nesse contexto com seu projeto estético e inovador, focalizando através da sua escrita “realista” vozes femininas negras ambientadas no século XXI. Em meio a esse ínterim, pretende-se elencar a partir de uma perspectiva étnica, de classe e feminista, a abordagem dada pela autora com comprometimentos e sensibilidades propõe releituras da violência, apresentando-nos sem pudores personagens-reais do nosso cotidiano, tendo como pressuposto a relação entre narrativa e estado lírico, sem perder de vista as imbricações da violência contra a mulher e a relação patriarcal e machista a que estão submetidas dentro (e fora) da narrativa proposta.

Desse modo, esta pesquisa visa investigar a proposta literária da escritora, e para tal investida, nos apoiaremos em sua última publicação, a saber, a antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (EVARISTO, 2011), onde reúne treze contos, todos protagonizados por mulheres negras e costurados pela voz narradora-ouvinte da autora atentando para as marcas da violência doméstica e intrafamiliar.

Esta pesquisa apresenta-se relevante na medida em que vem havendo investidas do Estado, através de políticas específicas com o intuito de minimizar os efeitos do sexismo, do racismo e das discriminações, as quais ainda marcam as trajetórias das mulheres neste país.

Assim sendo, os interesses e objetivos dessa pesquisa relacionam-se com a abordagem da crítica cultural, à medida que interroga o cânone literário, propondo uma discussão que visa averiguar qual o compromisso que a literatura deve ter com os discursos reais? De que maneira a literatura pode colaborar e\ou contribuir para mediar conflitos, estabelecer novos conceitos ou até mesmo fortalecer “velhos” e surrados estereótipos? De que modo a produção literária pode contribuir para denunciar violência contra a mulher introjetada no convívio social? De que modo a literatura pode corroborar para politizar estas feridas?

CONTEXTUALIZANDO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher é um problema mundial e antigo. Entende-se como violência, “qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada.” (BRASÍLIA, 2006, p. 6).

Ao longo dos anos temos observado inúmeros casos de agressões, brutalidades e extremismos protagonizados pela herança patriarcal, pautada no machismo. No Brasil, todos os dias ouvimos,

presenciamos ou temos notícias sobre violência(s), sobretudo, no que diz respeito à mulher. Dados apontam, para um crescente número de mulheres violentadas cotidianamente. O fato é que muitas são violentadas apenas por ser mulher, o que nos leva a observar que essas severidades estão ligadas ao machismo e seus desdobramentos.

Mesmo com oito anos de existência da Lei 11.340\06³, a qual visa coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e de políticas públicas para o enfrentamento a estas violências, ainda são flagrantes os abusos, excessos e ideia de soberania e posse dos homens em relação às mulheres.

A violência contra a mulher pode se manifestar de várias formas - violência de gênero, violência intrafamiliar, violência sexual, violência psicológica, violência doméstica, violência física, violência econômica ou financeira, ou ainda, violência institucional – e com os demais distintos graus de perversidade. Estas formas de violência não se produzem isoladamente, mas fazem parte de uma sequência crescente de episódios, do qual os assassinatos vêm a ser a manifestação mais extrema.

No entanto, parece que há uma rotinização destas violências no nosso convívio. É curioso quando nos perguntamos, por exemplo, onde estão os talhos, as rasuras, as dores, a solidão, as brutalidades dessas ocorrências na nossa vida?

Levando em conta os dados obtidos através do Dossiê *Mulheres Negras: retratos das condições de vida das mulheres negras no Brasil*⁴, o qual estabelece um diagnóstico sobre o perfil das condições de vida e vulnerabilidade das mulheres negras e conforme nos alerta Castro e Rocha (2006):

[...] ampliar a atenção às mulheres negras em situação de violência é romper com uma visão estreita de que as outras formas de violência não influem na qualidade de vida, na auto-estima e na redução dos danos causados à mulher e multiplicar as estratégias vitoriosas das mulheres no combate a violência contra a mulher, em especial as mulheres negras, atuando também nas outras causas que violam os seus direitos e que reproduzem com maior ênfase a violência contra elas.

Somam-se a estes dados expressivos de pesquisa nacional, bem como as dimensões e efeitos das discriminações de gênero e raça, tomamos como fonte a antologia *Insubmissas lágrimas de Mulheres (2011)* da escritora Conceição Evaristo, onde são pertinentes questões relativas à violência contra a mulher, sobretudo, as marcas das violências domésticas e sexuais presentes na obra

³ Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.

⁴ Publicação interinstitucional resultante de uma importante parceria com o Ipea, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), ambas da Presidência da República.

buscando estabelecer diálogos entre os documentos legislativos como os Mapas da Violência (2012); Homicídios de mulheres no Brasil, Progresso de mulheres no Brasil (2003-2010); Lei 11.340/2006, Dossiê Mulheres Negras (2012), Convenção de Belém do Pará, os quais chamamos aqui de arquivos públicos e a obra em questão.

Evaristo é uma escritora de voz coletiva, que se propõe a discutir, problematizar e apresentar uma literatura comprometida com o universo feminino (negro), e, sobretudo, busca afirmar o dever e comprometimento que a literatura deve ter com a realidade e a inclusão:

Pode-se concluir que na escre(vivência) das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas. (EVARISTO, 2007, p. 54).

Dessa maneira, este estudo tem por objetivo geral analisar o projeto estético-literário, constantes na antologia *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), recorrendo, para sua elucidação, a suportes da crítica literária, da crítica cultural e a aspectos fundamentais da escrita literária feminina e negra. Tornam-se fundamentos de análise, os discursos presente na obra e os aspectos presentes na ficção-verdade da autora em questão e o comprometimento da sua escrita com aspectos do nosso cotidiano.

Quanto aos objetivos específicos, vale verificar, no corpo dos contos, a resistência e insubmissão diante das adversidades cotidianas bem como o analisar dos discursos no tocante a prosa contemporânea e as marcas de violências - intrafamiliar, sexual e doméstica – a partir das interações de gênero, classe e etnia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que a violência contra a mulher é um problema mundial, antigo e multifacetado. O Brasil ocupa o sétimo lugar na esfera mundial, segundo dados do Mapa da Violência 2012 – Homicídios de Mulheres no Brasil, o que evidencia o quanto esta chaga deve ser discutida e combatida com devido rigor tanto pela academia quanto pelo Estado, o qual deve intervir através de políticas específicas a fim de preveni-la, e atribuindo punição efetiva aos perpetradores com vistas a sua erradicação no convívio social.

Desse modo, proponho-me a discutir sobre a violência contra a mulher, atribuindo um olhar específico a violência contra mulheres negras, as quais experienciam as subjetividades de serem mulheres e negras numa sociedade marcadamente misógina, racista e excludente.

Refletindo sobre a construção de discursos que conferem a estas mulheres um lugar subalternizado, e de que maneira a nossa sociedade culturalmente estabelece e operam as esferas de poder, destinando a determinados corpos a legitimação das práticas de violência, questões como estas têm sido basilares para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao concluir, o primeiro semestre os questionamentos se ampliaram à medida que “certezas” deram vazão aos desalinhos, as dúvidas, mas, também a novos horizontes os quais corroboram para ampliação das discussões e da bibliografia, a fim de avançar nas novas leituras e diálogos a partir de documentos públicos, de outras formas conhecimentos – literatura, antropologia, direito, filosofia – a fim de avançar a discussão sobre a violência a partir das leis, a partir, dos recortes os quais têm sido a dinâmica atual para o desenvolvimento deste estudo.

REFERÊNCIAS

BLAY, Eva Alterman. *Violência contra a mulher e políticas públicas. Estudos avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 87-98, dez. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300006 Acesso em: 12 de Julho, 2014.

BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. São Paulo: Bertrand Brasil, 1999.

BRASIL (2006). *Lei 11.340 de 07/08/2006 – “Lei Maria da Penha”*. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm. Acesso em: 10 de Julho, 2014.

BUTLER, Judith. *O clamor de Antígona: parentesco entre a vida e a morte*. Trad de André Cechinel. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

Cartilha: *Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica*. Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos– FNEDH, Brasília, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica, Volumes 2 e 4. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe; um dos lugares de nascimento de minha escrita. In Alexandre, Marcos Antônio (Org.). *Representações performáticas brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

HOOKS, Bell. *Intelectuais negras. Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: Ano 3, n 2,1995.

BARSTED, Leila Linhares e PITANGUY, Jacqueline (Org.). *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1990.

